

Os abebés de Oxum e Iemanjá como potência antirracista: *discursos e práticas de educadoras negras na Educação Básica*

The *abebés* of Oxum and Iemanjá as an anti-racist power:
discourses and practices of Black women educators in Basic Education

Los abebés de Oxum e Yemanjá como potencia antirracista:
discursos y prácticas de educadoras negras en la educación básica

 **MARIA JOSE SILVA***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

 **MAILSA PASSOS****

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

RESUMO: Este artigo, com foco nas Relações Étnico-Raciais, investiga experiências pedagógicas antirracistas de educadoras negras da Baixada Fluminense, que propõe compreender como suas palavras operam como *abebés* míticos africanos (espelhos de Oxum e Iemanjá) auxiliando na atualização das nossas imagens individuais e coletivas. Os abebés funcionam como dispositivos epistemológicos, oferecendo uma lente para pensar a potência criadora das palavras dessas mulheres na Educação Básica. As narrativas foram coletadas por meio do *Afroescuta Podcast*, com metodologia centrada na oralidade, valorizando a palavra-voz como fonte de conhecimento. Concluímos que a escuta atenta dessas vozes permite evidenciar práticas pedagógicas que transcendem ações pontuais, constituindo gestos coletivos de enfrentamento ao racismo e reafirmação da presença negra na escola, reafirmando a importância de

* Pedagoga, jornalista e professora da Educação Básica há 20 anos. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPED/UERJ. E-mail: <comunicacao.maria@gmail.com>.

** Doutorado em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Titular na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: <mailsappassos@gmail.com>.

epistemologias negras na transformação das práticas educativas e no combate às narrativas coloniais.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas antirracistas. Educadoras negras. Cotidiano. Abebés. Afrorreferência.

ABSTRACT: This article, focusing on Ethnic-Racial Relations, investigates the anti-racist pedagogical experiences of Black women educators from the Baixada Fluminense region, aiming to understand how their words operate as mythical African *abebés* (mirrors of Oxum and Iemanjá), aiding in the updating of our individual and collective images. The *abebés* function as epistemological devices, offering a lens to consider the creative power of these women's words in Basic Education. The narratives were collected through the podcast *Afroescuta*, using a methodology centered on orality, valuing the spoken word as a source of knowledge. We conclude that attentively listening to these voices allows us to highlight pedagogical practices that transcend isolated actions, constituting collective gestures of confronting racism and reaffirming the Black presence in schools, thus reaffirming the importance of Black epistemologies in transforming educational practices and combating colonial narratives.

Keywords: Anti-racist Pedagogical Practices. Black Women Educators. Daily Life. *Abebés*. Afro-reference.

RESUMEN: Este artículo, centrado en las relaciones étnico-raciales, investiga las experiencias pedagógicas antirracistas de educadoras negras de la Baixada Fluminense, y propone comprender cómo sus palabras operan como *abebés* míticos africanos (espejos de Oxum e Yemanjá), ayudando a actualizar nuestras imágenes individuales y colectivas. Los *abebés* funcionan como dispositivos epistemológicos, ofreciendo una lente para pensar sobre el poder creativo de las palabras de estas mujeres en la educación básica. Las narrativas se recogieron a través del *podcast Afroescuta*, con una metodología centrada en la oralidad, valorando la palabra hablada como fuente de conocimiento. Concluimos que la escucha atenta de estas voces nos permite resaltar prácticas pedagógicas que trascienden acciones específicas, constituyendo gestos colectivos de enfrentamiento al racismo y de reafirmación de la presencia negra en la escuela, y de la importancia de las epistemologías negras en la transformación de las prácticas educativas y en el combate a las narrativas coloniales.

Palabras clave: Práticas pedagógicas antirracistas. Educadoras negras. Cotidiano. *Abebés*. Afroreferencia.

Para começo de conversa...

Porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um, um reflexo de todos os corpos

(NASCIMENTO, Beatriz. Ôrí, 1989)

Este artigo nasce como desdobramento de uma tese de doutoramento em Educação, entendendo que as palavras de mulheres negras constituem potência criadora para práticas de avivamento do mundo e para a ampliação dos horizontes narrativos (SILVA, 2025), pois potencializam o fazer em múltiplas frentes. Neste trabalho o foco recai sobre as palavras que circulam nos ambientes de educação escolar. A pesquisa mergulhou na escuta de cinco professoras negras atuantes no município de Queimados, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, durante a pandemia de Covid-19.

O projeto inicial da pesquisa previa o encontro com educadoras e educadores envolvidas/os na criação de práticas pedagógicas antirracistas em escolas públicas, a fim de compreender as movimentações que sustentam tais experiências de enfrentamento ao racismo. No entanto, todas as pessoas que se dispuseram à conversa eram mulheres negras; e quando solicitadas indicações de outras pessoas para conversar, novamente surgiam nomes de mulheres negras e pardas. Esse movimento, que à primeira vista parecia uma limitação metodológica, revelou-se um chamado ético e político para escutar o que essas mulheres têm produzido e sustentado na Educação Básica.

O recorte nasceu do desejo de pensarmos juntas como temos praticado uma educação escolar que entrelaça nossas histórias com os saberes produzidos pelas populações negras. Essa tessitura coletiva se concretiza nos movimentos de grafar e semear nos cotidianos escolares outros códigos sobre África, africanas/os, afro-brasileiras/os e as complexidades presentes nas experiências de sociabilidade da afrodíaspóra.

O gesto de conversar foi permitindo à pesquisadora caminhar junto às demais praticantes desta pesquisa. E à medida em que se davam os encontros, esse gesto nos colocava diante do desafio de estarmos ali presentes com todo o corpo. Muito além de ter perguntas prontas a serem feitas, conversar permitiu dar tempo ao que chegava, colocando a pesquisadora disponível para ouvir e (re)ouvir, escutar os atravessamentos, pensar e (re)pensar os caminhos. Nesses movimentos sinuosos, a conversa foi se tecendo como uma escolha teórico-metodológica entranhada ao fazer pesquisas com os cotidianos.

No processo de pesquisa surgiu a oportunidade de criar, com as conversas gravadas durante a pandemia, um espaço de escuta e partilha de narrativas de professoras

negras sobre práticas pedagógicas antirracistas, que se decidiu nomear de *Afroescuta Podcast*¹. Sua identidade inspira-se no símbolo Adinkra *Mate Masie* (“eu guardo aquilo que ouço”), reafirmando a memória e a oralidade como fundamentos epistemológicos e políticos, de acordo com o que Leda Maria Martins (2021) nos ajuda a refletir.

Toda a movimentação de gravar, produzir episódios e compartilhar os encontros também se alimentou de uma vontade de fazer com que essas histórias chegassem à formação de professoras/es para gerar novas conversas sobre como podemos aprender com as experiências dessas mulheres, bem como trabalhar pedagogicamente com as questões uma educação antirracista. Compartilhar essas histórias para produzirmos um acervo que contribua com a nossa formação como educadoras/es e que, de alguma maneira, fortaleça os processos de (re)educação das relações raciais entre nós, pessoas que vivemos e praticamos as escolas em seus cotidianos.

O desejo de compartilhar os encontros nasceu também da convicção de que o mais valioso que podemos oferecer umas/uns às/aos outras/os, em processos educativos, são as nossas histórias: aquelas que nos atravessam e nos permitem pensar em como seguir adiante na construção de uma educação democrática e plural. Reafirmamos, com as palavras do professor Valter Filé, que esse gesto se alimenta da crença “na educação como uma arte de entamar histórias. Uma arte que se materializa na criação autoral de nossas vidas como narrativas, dos personagens que somos, nas histórias que contamos e nas histórias que ouvimos” (FILÉ, 2010, p. 124). Acreditamos que nossas histórias e experiências compartilhadas podem contribuir de forma significativa para a reeducação das relações raciais. Sobretudo, acreditamos que a palavra que sai de nossas bocas tem a força mobilizadora de produzir mundos sem racismo, mais plurais e mais democráticos.

Esses caminhos vêm mostrando a importância do compartilhamento das nossas experiências de pesquisas e as que realizamos em salas de aula, para além dos muros das universidades e das escolas, como possibilidade de criar pontes, fazendo com que essas histórias também cheguem e ocupem os diversos espaços de produção de narrativas sobre o mundo. As palavras são as pontes entre *eu* e *a/o outra/o*, nos disseram Valentin Volochinov e Mikhail Bakhtin (2004), e acreditamos que, como pontes, elas são caminhos de acesso à alteridade. Esses caminhos vêm nos possibilitando dizer que as experiências das educadoras negras de Queimados não existem como algo aleatório, por mais que estejam em contextos específicos; estão inscritas num movimento maior que tenta provocar pequenas rasuras em discursos que se pretendem monolíticos e que coadunam com modos únicos e totalizantes de ser-pensar o/no mundo. São experiências que abrem espaços nos territórios escolares para o compartilhamento de outras narrativas sobre os saberes produzidos pela humanidade em curso, destruindo a ideia de que aqueles produzidos pelos grupos humanos europeus valem mais do que os de outros grupos humanos.

A escuta dessas educadoras negras e de suas criações pedagógicas para o enfrentamento do racismo nos cotidianos escolares produziu em nós efeitos que reverberam como feitiços, abrindo caminhos para pensar suas palavras como dispositivos de avivamento do mundo e

de ampliação dos horizontes narrativos, diante de espaços e currículos ainda fortemente eurocentrados. Essa escuta torna-se ainda mais urgente quando consideramos as palavras da psicóloga Maria Aparecida da Silva Bento, que afirma que (ainda) vivemos em uma sociedade na qual “o racismo segue sendo o principal elemento estruturador do sistema de desigualdades” (BENTO, 2023, p. 9). Justamente por isso, reconhecer a força dessas palavras no contexto da escola pública brasileira é também um gesto de enfrentamento à lógica colonial que persiste nos currículos e práticas pedagógicas, uma lógica que opera em via única e sustenta a descredibilização, o esquecimento e a aniquilação de outras formas de saber, como nos ensinam os professores e escritores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2019).

Neste artigo, compartilhamos os feitiços lançados pelas palavras das educadoras que dialogam com esta pesquisa, pressupondo que as palavras de mulheres negras são palavras-espelho, que geram movimentos coletivos de criação de práticas pedagógicas antirracistas nos cotidianos escolares. Com o que nos oferta Bianca Santana (2017), compreendemos as palavras dessas educadoras como espelhos refletidos nas águas que nos convidam a voltar o olhar para nós mesmas. Esse percurso tem nos levado a entender que cada voz de uma mulher negra mobiliza em nós a possibilidade de reencontro com nossas imagens e histórias, com nossas memórias e nossas possibilidades de emancipação. No entanto, os reflexos que buscamos não são aqueles moldados pelo olhar colonizador que nos inventou como objetos, mas sim os que habitam os abebés das narrativas míticas africanas. É nos espelhos de Oxum e de Iemanjá que encontramos força para compreender e enfrentar os múltiplos sistemas de opressão que ainda nos atravessam.

Ao pensar as palavras de educadoras negras como espelhos, buscamos na força ofertada pelas “palavras-ponte” de Conceição Evaristo (2020), elementos para fundamentar essa escolha. No abebé de Oxum

nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto (EVARISTO, 2020, p. 39).

Essas palavras nos permitem compreender que o espelho de Oxum nos convoca a olhar para nós mesmas e a refletir sobre os complexos processos de formação que nos constituem, processos que revelam como nossa autoimagem reflete não apenas a forma como fomos educadas a não nos amarmos como somos, mas também a não reconhecermos nossas palavras, conhecimentos e modos de ver o mundo como legítimos. Virar o espelho de Oxum para nós é um gesto que exige, antes de tudo, dismantelar as intrincadas tramas de uma educação que nos ensinou a valorizar a estética branca como ideal a ser alcançado. Com a contribuição de Leidiane Macambira (2021) entendemos que essa virada é também um movimento de (re) pensar como nos tornamos negras nesta sociedade e de que maneira essa experiência ressoa nas práticas que desenvolvemos nas instituições que habitamos.

Quando reconhecemos nossa beleza, nossos saberes e nossa potência, somos conduzidas às imagens refletidas no abebé de Iemanjá, pois

o abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (EVARISTO, 2020 p. 39).

Compartilhamos, portanto, da compreensão de que os abebés de Oxum e de Iemanjá operam como dispositivos epistemológicos para pensar a potência criadora das palavras de mulheres negras na Educação Básica. São metáforas que nos ajudam a compreender o modo como elas vêm construindo práticas de enfrentamento ao racismo nas escolas públicas.

Os feitiços lançados ou... os abebés de Oxum e Iemanjá na sala de aula

As conversas realizadas com cinco educadoras negras do município de Queimados estão registradas no canal do *Afroescuta Podcast* e nos oferecem caminhos para compreender que as palavras dessas mulheres habitam um lugar de fortalecimento de um coletivo. São palavras políticas, que não apenas mobilizam práticas pedagógicas antirracistas, mas que também produzem movimentos de reencantamento das nossas imagens, tanto individuais quanto coletivas.

Nesta parte compartilhamos fragmentos de duas conversas que podem ser acessadas na íntegra no canal do *Afroescuta Podcast*. Para quem tiver interesse, disponibilizamos nas referências ao final do texto os links para acesso aos cinco episódios gerados a partir das conversas: Sandra Remígio, com o episódio *Vida e ensino e afroencantamento*; Gabriela Machado, com o episódio *Educadora e prática em transformação*; Luzia Machado, com o episódio *Abraçar a mudança*; Emily Borges, com o episódio *Letramento racial e o ensino de língua inglesa*; e Ingrid Fernandes, com o episódio *Escuta e experiência*.

Imagem 1 – Entrevistadas e temas dos episódios #01, #03, #04, #05 e #06 do *Afroescuta Podcast*



Fonte: <https://open.spotify.com/show/0X7SVgyzKtAqabbDyR88fh>

Uma vez delineado o campo simbólico dos abebés como dispositivos epistemológicos, passamos a observar como essas metáforas se materializam nas práticas narradas pelas educadoras negras. As narrativas a seguir operam como cenas que nos permitem ver-ouvir de que modo suas palavras produzem deslocamentos.

Compartilho um fragmento da conversa com a professora Sandra Maria de Souza Remígio, das redes municipais de Queimados e Nova Iguaçu. À época, a educadora atuava também no setor responsável por pensar as questões étnico-raciais vinculadas aos projetos desenvolvidos nas salas de leitura do município.

“esse aqui foi um trabalho que eu fiz com a minha turma em 2019. Era o quarto ano e estudamos sobre a filosofia Ubuntu. Gente, olha só, o negócio foi tão bacana que eu dava aula pro quarto ano e a turma do quinto ano, alguns alunos ficaram na porta da minha sala escutando eu falar sobre a filosofia Ubuntu. Nós fizemos muita coisa lá, conversamos sobre isso, falamos da importância da gente ser pelo que o outro é, porque a gente não é sozinho. E as crianças ficaram atentas na minha porta. E os alunos do quinto ano, aqueles alunos que já estão quentes, sabe? Aqueles alunos que dão uma certa dor de cabeça. Eu fiquei boba deles pararem na minha porta e ficaram assistindo. E depois eles foram na sala da professora deles, pedir a professora deles pra me convidar... [...] Aí a professora foi lá na porta da minha sala e falou comigo, “Sandra, o que que tá acontecendo aí? Porque meus alunos estão pedindo pra você ir lá na sala contar isso que você está ensinando, eles querem aprender sobre isso”. Olha que coisa linda, né? Aí eu terminei com minha turma e, no dia seguinte, a gente trocou, ela ficou uma parte do horário com minha turma e eu fui pra turma dela pra contar. E quando eu contava, do mesmo jeito que a minha turma ficou com os olhos brilhando, eles ficaram com os olhos brilhando ouvindo. Eles ficaram emocionados. E eu fiquei falando assim, não vale a pena só um ganhar. Olha que filosofia maravilhosa... O importante é que todos ganhem. A gente tem que aprender muito sobre filosofia africana. Porque ganhar sozinho não tem graça. E olhar pra alguém triste do nosso lado, saber que você ganhou, é algo que não é pra ser nem comemorado. E a gente vê, tantas vezes falando, comemorando, né? Ah, eu sou o único preto no lugar... Não é pra comemorar. Não é pra comemorar. Cadê os outros? Por que os outros não chegaram até aqui? Então, quando a gente trabalhou sobre isso, foi lindo demais. Eu dava aula para duas turmas de quarto ano, de manhã e de tarde, e eu peguei os dois quintos anos também e fiz o mesmo trabalho. Nós fizemos depois uma apresentação na quadra, para a escola toda. Como eu vi que saíu da sala, já foi outro quinto ano, depois eu falei assim, já que saíu da sala, vamos fazer com a escola toda. Nós fizemos no horário da manhã e no horário da tarde. Na verdade, então, foi para a escola inteira... Olha só. Um trabalho que começou na minha sala” (REMÍGIO, #1, 2022).

Ao compartilhar essa experiência, a educadora Sandra Remígio nos convoca a ver-ouvir não apenas a legitimidade do ensino de filosofias africanas nas ações que realizamos dentro das salas de aula, como um desdobramento da legislação em vigor, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos da Educação Básica no Brasil². Mas sobretudo, como as conversas sobre essa filosofia podem nos provocar a partilhar outros jeitos de ser-pensar-viver o/no mundo.

Falar de filosofia Ubuntu com outras/os não se dá como algo meramente conteudista, mas parte da sementeira de ideais alternativas ao individualismo, tão fortemente enraizado no modo capitalista de viver. Falar Ubuntu é um encorajamento a vivermos Ubuntu. Ou seja, é um convite a nos desafiarmos a aprender-ensinar a partir da vivência,

do exemplo. Penso, assim, nas palavras de Denise Carrascosa (2020) dialogando com José Castiano (2015, apud Carrascosa, 2020) sobre a filosofia *Ubu-Ntu*, e que trabalhar com esse conceito nas nossas salas de aula é semear deslocamentos que nos fazem revisitar parâmetros éticos de existência.

A partir dessa experiência que envolveu toda a escola é possível compreender que o movimento iniciado pela educadora Sandra Remígio para compartilhar ensinamentos em torno da filosofia Ubuntu – que nos inspira a percebermos que as nossas trajetórias são enredamentos de outras trajetórias – nos convida a pensar em uma reorganização ética das relações no espaço escolar. Ao produzir uma experiência coletiva sua prática se inscreve na dinâmica invocada pelo abebé de Iemanjá: um espelho coletivo no qual as/os sujeitas/os passam a se reconhecer como parte de um corpo comum. A expansão da atividade, ou seja, o deslocamento da turma para toda a escola, nos faz pensar que esse movimento contribui para a ampliação do reflexo, no qual a experiência deixa de ser isolada e passa a constituir um gesto coletivo.

No encontro com a professora Sandra Remígio também discutimos a urgência de *afroencantarmos* as escolas e as nossas próprias vidas, compreendendo esse movimento como uma necessidade de reeducarmos o nosso olhar. Conversamos sobre o conceito de “afroencantamento” como núcleo de um trabalho pedagógico que embasa práticas antirracistas a partir do eixo da ancestralidade. Esse movimento possibilita que educadoras e educadores repensem sobre uma educação colonial que embaça nossa visão e dificulta o reconhecimento de quem somos. Ao enxergar nossas histórias coletivas a partir de outras perspectivas, reconhecemos como nossa ancestralidade floresceu e continua florescendo, mesmo diante de cenários hostis.

O movimento de afroencantamento das nossas narrativas e imagens (individuais e coletivas) torna-se ainda mais urgente quando contextualizamos que, no imaginário social, os saberes de matriz africana raramente são reconhecidos como parte legítima do patrimônio epistêmico da humanidade. Como argumenta Katiúscia Ribeiro Pontes (2017), o colonialismo estabeleceu o racismo como fundamento para invisibilizar o protagonismo do legado africano. Essa lógica está inscrita, inclusive, na própria história da educação escolar brasileira, construída sobre a exclusão sistemática das contribuições de povos historicamente marginalizados.

Ao criar uma conversa sobre a filosofia Ubuntu, a educadora Sandra Remígio produziu um gesto que se move no contrafluxo do apagamento das narrativas negras nas escolas. Sua ação reverberou e alcançou toda a comunidade escolar, contribuindo com movimentos que intencionam desestabilizar imaginários racistas e intervir nas raízes de um sistema educacional que, historicamente, excluiu o protagonismo negro na produção do conhecimento, como podemos pensar com a filósofa e escritora Sueli Carneiro (2005). Ao mesmo tempo, ao provocar tais deslocamentos, essa prática também convoca para um reposicionamento subjetivo das/dos próprias/os estudantes, permitindo que se vejam de outras formas. Por esse motivo, ainda que ancorada na dimensão coletiva,

essa prática reflete também a dimensão do reconhecimento de si, articulando, de modo entrelaçado, os espelhos de Iemanjá e Oxum como forças que operam simultaneamente na constituição de práticas pedagógicas antirracistas.

O próximo fragmento nasce da conversa com a educadora Gabriela Silveira Machado, professora dos anos iniciais nas redes municipais de Queimados e Japeri. A educadora trouxe para a roda reflexões sobre os caminhos que buscamos para produzir práticas pedagógicas mais próximas da vida de nossas/os alunas/os. Caminhos esses que, inevitavelmente, nos atravessam e nos transformam. Sua narrativa parte de um episódio de racismo vivido por uma aluna do 3º ano. Para intervir, a educadora Gabriela Machado recorreu a leitura e dramatização da narrativa infantil *Luzia*, escrita por Igor Gonçalves, professor negro da rede pública de Queimados, oriundo da periferia e com trajetória próxima à realidade das/dos estudantes. Ao apresentar a trajetória do autor e dramatizar a narrativa junto às crianças, uma aluna, alvo constante de ofensas racistas por conta do cabelo crespo, declarou: “Tia, hoje foi o dia mais feliz da minha vida. Eu me senti uma pessoa muito importante.” Segue o fragmento, nas palavras da professora Gabriela:

“essa é a frase de uma aluna do terceiro ano de escolaridade, quando eu trago uma narrativa negro-brasileira, e aquelas crianças se veem ali naquela narrativa e a gente dramatiza aquele livro. Também foi um processo que eu me reeduquei, porque eu trabalhava muito de forma pontual, como a escola lida com essa questão. A escola lida de uma forma pontual, somente em novembro, como se você fosse preto em novembro, como se você só fosse mulher negra em novembro, criança negra... Não, você é durante o ano inteiro. E a legislação traz essa liberdade para a gente trabalhar durante todo o ano letivo. Então, quando eu pego essa narrativa, Luzia, e trago para as crianças, apresento para elas, falo do autor, quem foi o autor desse livro, que ele tem uma história parecida com a nossa, inclusive ele é professor da rede de Queimados, é o Igor. Ai, quando eu trago essa narrativa do Igor, conto a vida dele, história de vida dele, que ele estudou na rede pública municipal, como nós, que ele foi para uma universidade pública, vem da periferia, um homem negro, quando começa a querer mostrar isso para as crianças, as crianças começam a ter um outro olhar. [...]”

Então, assim, a gente se envolve de verdade e os alunos também se entregam, porque eu sinto que eles sentem que tem a ver com eles. Como foi no livro Luzia, por exemplo. Esse trabalho foi assim: na verdade, eu estava com a intenção já de fazer esse trabalho, mas surgiram cenas de racismo na sala, com uma aluna minha, na época do terceiro ano. Essa aluna era super encarnada todos os dias.

Os colegas cometiam o mesmo racismo com ela por conta do cabelo crespo. E a menina Luzia, na capa do livro, com o cabelo crespo, fazia dois penteados, assim como essa minha aluna ia também com os dois, amarrava aqui e colocava bem para o alto aquela fita. E era bem parecido com o penteado da Luzia, aquele cabelo crespo. Quando eu levo essa narrativa à turma, eu percebi ali uma mudança. A prática antirracista transforma, porque aquelas crianças, até as meninas que tinham cabelo liso, os meninos passam a admirar essa minha aluna. Eu a peguei como protagonista na dramatização. Então, os meninos passam a admirar, não encarnam mais. E as meninas, mesmo aquelas que têm o cabelo liso, elas querem fazer o penteado da Luzia e falam para a minha tia, meu cabelo não fica, como que eu faço? Então, como que isso transforma mesmo, de fato. Porque é o que a gente estava conversando. Qual a referência que essas crianças têm? A referência branca. Quando você coloca a referência negra, você desconstrói tudo isso que durante anos nos fizeram acreditar” (MACHADO, #2, 2022).

Com a escuta da experiência, podemos pensar que esse foi um processo que reverberou num movimento de autoformação compartilhada, envolvendo tanto a professora quanto as crianças, pois ao proporcionar imagens nas quais podiam se ver refletidas, a educadora também passou a se ver e a se reinventar de outros modos. Ou seja, ao pesquisar e levar para a sala de aula narrativas negro-brasileiras, a educadora não apenas ampliou o repertório das/dos alunas/os, mas também passou a ressignificar a própria identidade como mulher negra e professora da rede pública, atuando em um contexto escolar majoritariamente negro.

O compartilhamento de narrativas nas quais as crianças podiam se reconhecer, como foi com a experiência com leitura e dramatização do livro *Luzia*, de Igor Gonçalves, abriu-se um campo de encontro com outras imagens possíveis. Quando a criança afirma ter se sentido “*uma pessoa muito importante*”, ela reverbera o impacto desse encontro com um reflexo no qual finalmente pôde se ver. A história dessa aluna que se reconheceu na personagem Luzia ilustra a potência desses espelhos como dispositivos epistemológicos capazes de reorientar modos de narrar a si e ao mundo a partir de reflexos mais amorosos.

É neste sentido que vemos-ouvimos nessa narrativa a manifestação do abebé de Oxum no chão da sala de aula. O gesto pedagógico da educadora Gabriela Machado aciona o abebé da Iabá que habita as águas doces e nos convida a buscarmos imagens que nos impulsionem posturas insubmissas aos padrões coloniais nos nossos inventos. E como nos ensina Conceição Evaristo (2020), o espelho de Oxum devolve à/ao sujeita/o uma imagem positiva de si, rompendo com as distorções produzidas pela lógica racista, pois é nesse espelho que “nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência” (EVARISTO, 2020, p. 39), recuperando uma subjetividade historicamente mutilada pelas culturas colonizadoras. Assim, podemos pensar que essa experiência vivida pelas crianças e pela educadora nos oferta a oportunidade de vermos as nossas imagens pelas lentes ancestrais, desdobrando-se como potência para alimentar ações coletivas de enfrentamento às estruturas coloniais.

Outra questão que atravessou nossa conversa foi a reflexão sobre como a entrega e o envolvimento na construção de práticas de Educação para as Relações Étnico-Raciais se inscrevem em um movimento coletivo de amor. Aqui, porém, *amor* é compreendido como ação, tal como nos ensina bell hooks (2021), palavra imprescindível para orientar as lutas por justiça e pelo acesso à educação escolar em sociedades que, historicamente, negaram esse direito a grupos específicos.

Conversamos sobre como as palavras de outras mulheres negras, assim como as reflexões de bell hooks (2021), inspiram movimentos de criação nas salas de aula, fortalecendo a compreensão do amor não como mero sentimento, mas como prática concreta e compromisso ético-político com o crescimento individual e comunitário. Nesse sentido, também pensamos com Tatiane Pereira de Souza (2023) que o amor que impulsiona

mulheres negras na criação de práticas pedagógicas antirracistas é também herança ancestral e caminho de preservação de vidas.

Nesse movimento, o amor, compreendido como prática e compromisso coletivo, se traduz também na forma como educadoras negras, como Gabriela Machado, constroem suas trajetórias. Sua experiência revela que práticas antirracistas não surgem prontas, mas se desenvolvem em um processo contínuo de escuta, reflexão e questionamento dos fundamentos que orientam o nosso fazer docente. Revisitar a própria prática, nesse sentido, é um exercício amoroso e constante que permite criar experiências pedagógicas mais implicadas com a vida e com a complexidade dos percursos formativos e de manter viva a potência criadora herdada das nossas ancestrais.

As experiências compartilhadas pelas educadoras Sandra Remígio e Gabriela Machado, ao recontarem histórias que remexem profundamente nas imagens (individuais e coletivas), têm nos permitido fortalecer o pensamento de que as palavras de mulheres e educadoras negras são matéria viva para a ampliação dos horizontes narrativos em contextos escolares, pois cada gesto educativo, cada palavra, carrega a força de quem veio antes. Nesse movimento, podemos compreender que os abebés de Oxum e Iemanjá operam como dispositivos epistemológicos em constante articulação, produzindo práticas coletivas de enfrentamento às estruturas coloniais. Ainda que as ações antirracistas não deem conta, por si só, de toda a complexidade dos efeitos do racismo, elas instauram aberturas importantes que nos sustentam nas tentativas de caminhar no contrafluxo desse sistema adoecedor.

Virar os espelhos das labás para nós, nos cotidianos escolares, pode significar um gesto de preparar e instrumentalizar nossas crianças para o enfrentamento do racismo cotidiano e para não se deixarem cair nas armadilhas coloniais que tentam nos subjugar. Assim, nessa relação os abebés se transformam em objetos de (re)criação e disputa de narrativas, convidando-nos a olhar nos olhos de quem está ao nosso lado e a reconhecer, nos reflexos compartilhados, um pensamento ancestral capaz de fortalecer nossa caminhada coletiva. As palavras de educadoras negras se manifestam, portanto, como espelhos (abebés), nos quais outras educadoras podem se ver e buscar força para semear práticas pedagógicas antirracistas que façam sentido para as vidas que habitam as escolas públicas brasileiras.

Compreendidos como dispositivos de escuta e cura, os abebés míticos africanos possibilitam a reinvenção de si e do mundo. Pelos espelhos de Oxum e Iemanjá, reeducamos nosso olhar e questionamos o modelo de educação estruturado sob uma narrativa única de mundo, assim como nos provoca Chimamanda Adichie (2019). Ao fazer circular outras histórias, enfrentamos a perspectiva colonial que, ao longo da história, desumanizou narrativas oriundas de culturas diversas. Nesse sentido, olhar para nossas histórias através dos espelhos de Oxum e Iemanjá atua no contrafluxo desses imaginários e resiste ao ato de narrar o mundo de um único modo.

Para finalizar, mas não exatamente...

Com a escrita destas linhas buscamos compartilhar questões que atravessaram o percurso de uma pesquisa sobre experiências pedagógicas antirracistas de educadoras negras na Baixada Fluminense, propondo compreender como suas palavras operam como abebés míticos (espelhos de Oxum e Iemanjá) na atualização de imagens individuais e coletivas. A partir da escuta atenta dessas enunciações, compartilhadas no *Afroescuta Podcast*, argumenta-se que tais práticas transcendem ações pontuais, constituindo gestos de aquilombamento e descolonização dos currículos escolares.

Os fragmentos compartilhados nos ajudam a pensar que essas práticas se configuram como processos contínuos de reconfiguração dos modos de ensinar, aprender e existir na escola, nos quais a escuta e a ancestralidade operam como eixos estruturantes. As experiências das educadoras Sandra Remígio e Gabriela Machado permitem ver-ouvir como suas palavras produzem deslocamentos que reorientam percepções de si entre estudantes e docentes, tensionam relações raciais no cotidiano escolar e fortalecem redes coletivas que reafirmam a potência criadora da presença negra nos espaços educativos.

Essa compreensão ganha maior densidade ao ser articulada ao conceito de *escrevivência*, conforme elaborado por Conceição Evaristo (2020), permitindo compreender que tais narrativas não se encerram em trajetórias individuais, mas se constituem como inscrições de experiências coletivas que se atualizam no fazer pedagógico. Assim, as palavras dessas educadoras operam como dispositivos epistemológicos que produzem conhecimento encarnado, comprometido com a transformação das práticas educativas e com o enfrentamento do racismo estrutural.

Nesse horizonte, as práticas analisadas operam tensionamentos nos imaginários racistas ao fazer circular outras narrativas e ao grafar saberes afro-brasileiros e africanos nos cotidianos escolares, possibilitando que educadoras/es e estudantes se reconheçam para além das molduras coloniais. Desse modo, tais enunciações se afirmam como palavras-ponte que reeducam olhares, provocam deslocamentos e sustentam ações coletivas comprometidas com a construção de uma sociedade mais plural. Tais palavras carregam, assim, sentidos que despertam em nós um sentimento de responsividade e um “ato responsável”, assim como afirma Mikhail Bakhtin (2010), abrindo caminhos para a reorientação das nossas humanidades.

Conclui-se, portanto, que os abebés de Oxum e Iemanjá, ao operarem como dispositivos epistemológicos, permitem compreender como práticas pedagógicas antirracistas gestadas por educadoras negras produzem transformações subjetivas, coletivas e curriculares. Assim, esta pesquisa contribui para o aprofundamento das conversas sobre como epistemologias negras se materializam em práticas concretas de enfrentamento ao racismo nos cotidianos das escolas públicas. Ao fazê-lo, oferece pistas para que educadoras e educadores repensem suas práticas a partir de uma escuta comprometida com as vozes negras.

Recebido em: 13/08/2025; Aprovado em: 30/03/2026.

Notas

- 1 Afroescuta Podcast disponível em: <https://olapodcasts.com/channels/afroescuta>.
- 2 A Lei 10.639/03 tornou obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos da Educação Básica, públicos e privados (BRASIL, 2003). Houve uma modificação com a Lei nº 11.645/08, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos escolares da educação básica.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. Introdução. In: IBIRAPITANGA & SCHUCMAN, Lia Vainer (Orgs.). *Branquitude – diálogos sobre racismo e antirracismo*. São Paulo: Fósforo, 2023. p. 9-12.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 10.639*, 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003, seção 1, p. 1.
- CARNEIRO, Sueli. *a construção do outro como não-ser como fundamento do Ser*. Tese (Doutorado em Educação) – USP. São Paulo, 2005.
- CARRASCOSA, Denise. Sabela e um ensaio afrofilosófico escrevinte e ubuntuísta. In: DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 152-163.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima & NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46
- FILÉ, Valter. Tentativas e tentações: batidas no território da linguagem. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de narrar*. Rio de Janeiro: Faperj, 2010. p. 123-134.
- hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.
- MACAMBIRA, Leidiane dos Santos Aguiar. *Os modos como vamos nos tornando mulheres negras e educadoras antirracistas: narrativas de formação para pensar a educação das relações raciais*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino. CEFET/RJ, 2017. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/katiúscia_ribeiro_-_dissertação_final.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

SANTANA, Bianca. Espelho das iabás. *Geledés*, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/espelho-das-iabas/>. Acesso em: 06. dez. e 2024.

SILVA, Maria José da. *Serpentear entre palavras de educadoras negras: experiências pedagógicas antirracistas na Educação Básica*. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2021_1-2254-DO.pdf. Acesso em: 30 mar. 2026.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. *Flecha no Tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SOUZA, Tatiane Pereira de. Mulheres negras: perspectivas de luta e resistência. In: CONSORTE, Josildeth Gomes & SANTANA, Marise de (Orgs.). *Mulher negra e ancestralidade*. São Paulo: Selo Negro, 2023.

Documentário

ORI. Direção: Raquel Gerber, 1989. Doc. 93m. - Estelar Produções Cinematográficas.

Podcasts

ABRAÇAR A MUDANÇA. Entrevistada: Luzia de Fátima Machado. Entrevistadora: Maria José da Silva. Local: Spotify, 06 mai. 2026. *Afroescuta Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3CiTkNQzheuFXDHGLi8xHn>. Acesso em: 06 mai. 2026.

AFROESCUTA PODCAST, O QUE É? [Locução de]: Maria José da Silva. Local: Spotify, 06 mai. 2026. *Afroescuta Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2jclHqMLFWBIPwbp1SNbkz>. Acesso em: 06 mai. 2026.

EDUCADORA E PRÁTICA EM TRANSFORMAÇÃO. Entrevistada: Gabriela Machado. Entrevistadora: Maria José da Silva. Local: Spotify, 06 mai. 2026. *Afroescuta Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1EMxTbPRCJ3WHf3XZFjHzJ>. Acesso em: 06 mai. 2026.

ESCUTA E EXPERIÊNCIA. Entrevistada: Ingrid Fernandes. Entrevistadora: Maria José da Silva. Local: Spotify, 06 mai. 2026. *Afroescuta Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5uZyY7Pimnvkm0FkYIPR4c>. Acesso em: 06 mai. 2026.

LETRAMENTO RACIAL E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. Entrevistada: Emily Borges. Entrevistadora: Maria José da Silva. Local: Spotify, 06 mai. 2026. *Afroescuta Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0Cx87QBil7NAu7ZF1CQjAl>. Acesso em: 06 mai. 2026.

VIDA E ENSINO E AFROENCANTAMENTO. Entrevistada: Sandra Maria de Souza Remígio. Entrevistadora: Maria José da Silva. Local: Spotify, 06 mai. 2026. *Afroescuta Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6z0HZN774nY76ftQBRcEF>. Acesso em: 06 mai. 2026.